

PREFÁCIO

Guilherme d'Oliveira Martins

A publicação de “A Obra e o Pensamento de António Braz Teixeira” com coordenação de Jorge Cunha, Maria Celeste Natário e Renato Epifânio constitui um contributo importante não só para um melhor conhecimento da obra de um pensador contemporâneo, marcante para na cultura portuguesa contemporânea, mas também para a compreensão da sua inserção no pensamento luso-brasileiro atual. Os textos aqui apresentados resultam do no Congresso Internacional coorganizado pelo Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (“Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”) e pela Universidade Católica Portuguesa (Centro de Estudos de Filosofia: Porto). Os textos apresentados, por um conjunto muito relevante de estudiosos do pensamento português, têm a grande vantagem de nos darem uma perspectiva dinâmica e futurante de uma cultura que anima e projeta além fronteiras o que Jaime Cortesão e Agostinho da Silva designaram como o humanismo universalista. A herança da tradição da Renascença Portuguesa e de “A Águia”, a “Razão Atlântica”, o diálogo filosófico luso-brasileiro, a filosofia da saudade, a teoria do mito, o iluminismo católico, a relação entre filosofia e literatura, a renovação do pensamento jus-filosófico e o repensamento da História da Filosofia em Portugal são alguns dos temas que aqui vemos tratados e que permitem uma aproximação coerente, complexa e multifacetada da obra tão rica de António Braz Teixeira.

O ensino e a reflexão de António Braz Teixeira constituem excelentes bases para o desenvolvimento do tema do diálogo entre culturas e para o reconhecimento do valor das heranças culturais (como conjuntos complexos e dinâmicos), segundo uma fecunda e essencial tensão entre diversidade e universalismo, entre especificidade e busca de valores comuns, que leva à compreensão da cultura como fenómeno que, partindo da pluralidade de pertenças, obriga a um pensamento sem fronteiras. E o diálogo luso-brasileiro é um belo exemplo, uma das pedras de toque que abre horizontes nessa tendência universalista. E em especial o diálogo com Miguel Reale revelou-se especialmente rico, sobretudo se pensarmos numa conceção aberta de cultura, na qual as raízes históricas se vão encontrar com a inovação criadora. Esse diálogo filosófico tem sido mutuamente enriquecedor e cordialmente sereno, em especial quanto à capacidade de receber e de ouvir. “A cultura, porque criação humana é marcada, simultaneamente, pela *temporalidade*, pela *historicidade* e pela *objetividade*, já que a obra de arte, a proposição filosófica, a norma jurídica, uma vez criadas ou formuladas, adquirem vida própria, tornam-se como que independentes do seu autor e do seu criador, são portadoras de um sentido próprio e seu, aberto dinamicamente ao conhecimento e à interpretação vivificante daqueles que com elas entram em contacto, sendo nessa relação, a um tempo cognitiva e estimativa, que plenamente são e adquirem a sua plenitude de ser”. Por um lado, não é esquecida uma visão marcada pela História, mas, por outro, lembra-se a circunstância existencial e social, que projeta a vida humana para além de uma visão fechada e redutora. E a saída

está na consideração de uma tripla dimensão da vida humana, como realidade individual, social e histórica, “as três constituindo o ser pessoal do homem”.

Antônio Braz Teixeira é, assim, uma presença que nos permite compreender a emergência da cultura como pedra de toque do desenvolvimento humano e da salvaguarda da dignidade da pessoa humana.